

Resistência de credores adia acordo sobre a dívida

Roberto Garcia
Correspondente

Com grandes expectativas de um acordo a qualquer momento, a equipe de negociadores da dívida externa brasileira reuniu-se, ontem de tarde, com a comissão de 14 bancos, que representa os credores estrangeiros do Brasil, para discutir retoques finais de uma fórmula que viabilizará o fim da moratória. Mas a noite caiu, e as discussões continuaram, sem sinal de uma conclusão rápida.

As esperanças de um anúncio baseavam-se nos esforços intensos dos bancos centrais de vários países industrializados, a fim de convencer bancos privados a aceitar a fórmula de conciliação proposta pelo governo americano. Segundo esta fórmula, o Brasil depositará no Banco de Compensações Internacionais (BIS), da Basileia, na Suíça, uma parte dos juros atrasados. Muitos bancos não gostam dessa fórmula, contudo. Aham que o dinheiro deve ser pago a eles diretamente, e sem quaisquer condições. Pela fórmula, o depósito brasileiro só será entregue aos credores em parcelas, à medida que avancem as negociações sobre o reescalonamento da dívida.

“Esse dinheiro é nosso. Não vejo nenhuma razão para o Brasil impor condições para seu pagamento. Também estamos pasmos com o apoio das autoridades americanas a esse esquema”, disse o funcionário de um banco europeu que participava das discussões.

Desde sexta-feira, as negociações en-

tre os bancos e a equipe brasileira têm sofrido altos e baixos que exasperam os dois lados. As resistências de bancos europeus foram tão fortes, numa reunião extraordinária de credores, no sábado, que um observador privilegiado confidenciou: “Há um óbvio retrocesso, mas não perdemos as esperanças.”

No domingo, os membros da comissão de 14 bancos passaram horas ao telefone, consultando centenas de credores do Brasil em todo o mundo. As respostas não pareciam animadoras. Apesar disso, os esforços continuaram e, na manhã de ontem, já tinham surgido várias alternativas para atender às preocupações mais comuns. Uma delas seria um aumento do pagamento brasileiro. Outra seria um empréstimo-ponte de vários governos, a fim de que o Brasil pudesse aumentar seu pagamento.

Ao entrar numa reunião plenária de negociação, no fim da tarde de ontem, Fernão Bracher limitou-se a dizer que “várias alternativas estão sendo consideradas”.

As freqüentes oscilações nas negociações, com esperanças de acordo alternando com desânimo, quando surgem obstáculos inesperados, vêm testando a paciência e os humores dos negociadores. Por causa disso, os membros da equipe brasileira adotaram uma posição uniforme: recusam-se a fazer comentários. Ao ser acordado em seu quarto de hotel, na manhã de ontem, Bracher só disse que “o dia está bonito. Vamos desligar?”